

O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NA REVITALIZAÇÃO DOS CENTROS HISTÓRICOS¹

CONCEIÇÃO REGO

Departamento de Economia
CEFAGE – Universidade de Évora

ISABEL RAMOS

Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico

1. Introdução

Os efeitos das instituições de ensino superior (IES) nas cidades e nas regiões são muito variados, tendo reflexos em diversos domínios, como por exemplo, ao nível económico, do emprego, da qualificação da população activa, da transferência de tecnologia e de inovação e da melhoria da qualidade de vida da população local. As IES também contribuem de forma variada para a alteração do ambiente sócio-cultural das cidades e das regiões onde se instalam, ainda que, ao contrário dos efeitos mais imediatos – de natureza económica – muitas alterações, neste domínio, apenas sejam perceptíveis a longo prazo.

¹ Comunicação apresentada no Seminário Urbanismo, Segurança e Lei (6/12/2007).

Contudo, não podemos apontar apenas as relações positivas entre as IES e as cidades que as acolhem. Por vezes o relacionamento entre os estudantes e os restantes habitantes da cidade é difícil: os estudantes são acusados de serem barulhentos, de terem os seus próprios modos de vida, de fazerem aumentar as rendas no mercado de arrendamento de habitação ou ainda de deixarem deteriorar o parque imobiliário onde se instalam.

Independentemente da natureza das relações que se estabelecem entre a Universidade e a Cidade não se pode ignorar que a presença desta instituição em Évora provocou – e continua a provocar – alterações às características e aos ritmos de vida de uma cidade que, até à reabertura da Universidade, estava profundamente inter-relacionada com a actividade agrícola predominante na região envolvente.

Os primeiros efeitos visíveis da presença da Universidade de Évora (U.E.) na cidade são de âmbito demográfico. A U.E. é a única instituição de ensino superior público universitário no Alentejo. Os seus cerca de 8000 alunos, ainda que representem (dados para o ano lectivo 2005/06) apenas 2,2 % dos estudantes do ensino superior português, correspondem a 43% dos estudantes do ensino superior no Alentejo e a 14% dos residentes na cidade de Évora. Naturalmente que esta presença não pode deixar de se sentir, quer em termos da alteração nos ritmos de vida quotidianos da população, como em termos da organização e gestão urbanística da cidade, com as inevitáveis consequências ao nível das condições de segurança subjacentes à vivência da cidade, e particularmente do seu centro histórico, pelos diversos grupos de residentes.

Esta interligação entre a cidade e a U.E. regista-se nos documentos oficiais das instituições universitária e autárquica. Por parte da Universidade, a ligação à região sempre esteve presente nos documentos de planeamento estratégico e, recentemente – como veremos mais adiante neste texto, por via do projecto de implementar o conceito de UniverCidade. Do lado da autarquia local, o *Plano Estratégico da Cidade de Évora*, apresenta “Évora, Cidade Universitária”

como uma das seis ideias fortes do documento e afirma que à Universidade cabe “o papel de difusão dos saberes científicos”, o dever de se projectar “no espaço regional e nacional como um importante motor de desenvolvimento nas vertentes cultural, social e económica” integrando-se “no seio da comunidade científica pela profundidade do seu saber e investigação acumulada, pelo prestígio dos seus mestres, pela elevada preparação científica dos seus alunos”.

Este documento que visa identificar o papel das universidades nos centros históricos, em particular no que respeita à sua revivificação humana e respectivos efeitos ao nível das condições de segurança, está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, abordaremos, do ponto de vista teórico e conceptual, a tipologia de relações que se podem estabelecer entre as universidades e as cidades onde estas se instalam. De seguida, procuraremos avaliar os principais efeitos da U.E. na cidade onde está localizada, bem como na região envolvente e, de forma mais específica iremos detalhar os efeitos desta instituição no Centro Histórico de Évora². Terminaremos esta abordagem por apresentar algumas linhas de orientação do conceito UniverCidade, recentemente apresentado à academia pela Reitoria da U.E..

2. Que tipo de relações se podem estabelecer entre a Universidade e as cidades?

Os impactes das instituições de ensino superior nas cidades e nas regiões são muito variados e têm reflexos no domínio económico, no emprego, na qualificação da população activa, na transferência de tecnologia e de inovação e na melhoria da qualidade de vida, entre outros (quadro 1). Para analisar o papel das IES no desenvolvimento económico, de um modo geral, e no desenvolvi-

² Recorde-se que o Centro Histórico de Évora foi classificado, em 1986, pela UNESCO, como Património da Humanidade.

mento das regiões, em particular, Felsenstein (1996) propõe três formas. A primeira correlaciona a concentração de actividades de alta tecnologia com as localizações de factores capazes de funcionarem como indutores de um *cluster* espacial. O segundo tipo de análise diz respeito à inserção das IES nos processos de crescimento económico, admitindo que estas instituições são unidades indutoras de crescimento, influenciando os mercados de trabalho locais, taxa de criação de novas empresas, desenvolvimento dos serviços locais e efeito do capital humano para o investimento na economia local. O terceiro nível de análise diz respeito aos estudos de impacte, do ponto de vista estritamente económico, destacando-se a abordagem pelo lado da procura para análise do impacte das IES baseada no cálculo do mecanismo do multiplicador keynesiano. Os impactes analisados relacionados com os efeitos de rendimento, produto e emprego decorrem, fundamentalmente, dos gastos das IES, dos seus funcionários e dos seus estudantes.

QUADRO 1: Principais efeitos dos impactes das instituições de ensino superior nas regiões

ÁREAS DE IMPACTE	AUTORES	PRINCIPAIS EFEITOS	EFEITO (+ ou -)
Produto, rendimento	Beck, Elliott, Meisel e Wagner (1995)		
	Elliott, Levin e Meisel (1988)		
	Felsenstein (1996)	Efeito multiplicador	+
	Turner (1997);	Nível de vida da	
	Goddard (1998)	população residente	+
	Woodward e Teel (2001)		
	Brown e Heaney (1997)	Efeito multiplicador	+
	Turner (1997)	Qualificação da mão-de-obra	+

Formação e emprego	Thomas (1995)		
	Beeson e Montgomery (1993)	Salários e rendimento	+
	Goddard (1998)	Capacidade das regiões	
	De Gaudemar (1996)	absorverem os diplomados	+
Conhecimento	Felsenstein (1996)		
	Baslé e Le Bouch (1999)	Transferência de conhecimento das universidades para	+
	DATAR (1998)	as empresas	
Ambiente sócio-cultural	Goddard (1998)	Atractividade regional	+
	Felsenstein (1996)	Alterações ao nível da qualidade de vida	+/-
	Turner (1997)	e da oferta de bens, serviços e equipamentos	
	Goddard (1998)	Relacionamento entre os estudantes e os restantes residentes	
	Felsenstein (1996)		
	Merlin (1995)		

Fonte: Rego, 2003.

Esta interpretação da inter-relação entre as IES e as regiões pode ser complementada com a análise proposta por Goddard (1998) e De Gaudemar (1996). Para o primeiro, a difusão do saber das IES para a região faz-se por via dos seus estudantes (através da realização de estágios ou projectos de investigação), diplomados e investigadores, bem como pela publicação e investigação, pelos contratos de investigação, missões de consultores que fomentam a inovação e a melhoria no domínio das tecnologias ou da gestão das organizações. O pensamento de De Gaudemar também vai neste sentido, na medida em que o autor defende que a qualidade do ensino superior pode ser aferida através da qualidade da sua ligação com o território e da sua capacidade de facilitar as dinâmicas regionais, nomeadamente atraindo estudantes e investigadores e quadros diplomados.

Resulta óbvio que os impactes económicos são dos que mais se referem quando pretendemos avaliar os efeitos das IES no meio

envolvente. Em termos metodológicos, esta abordagem, sendo bastante intuitiva, torna-se difícil de validar de forma inequívoca. Se não, vejamos: os impactes económicos podem ser definidos como a diferença entre a actividade económica existente na região com a presença de IES e o nível que esta variável assumiria se a instituição não existisse, o que se torna de estimativa complexa. Ainda assim, este efeito pode ser aferido pelas diferenças nos fluxos anuais da actividade económica ou contabilizando os efeitos das instituições no stock de capital humano e tecnológico da região, retirando o valor das diferenças nos fluxos da actividade económica futura.

Centremo-nos agora no ambiente sócio-cultural. De uma forma lata, as IES contribuem de forma variada para a alteração do ambiente sócio-cultural das cidades e das regiões onde se instalam, sendo muitas destas alterações apenas perceptíveis a longo prazo. São frequentes os exemplos em que membros das IES se tornam líderes de organizações da sociedade civil; muitas IES disponibilizam, para os habitantes das suas localidades, instalações desportivas, bibliotecas, museus, livrarias, escolas de línguas, espectáculos variados de cultura erudita ou popular, restaurantes, entre outros; estão também devidamente diagnosticados os impactes no turismo, na qualidade do ambiente construído e na recuperação urbana. Não se ignora que a presença das IES confere uma dimensão significativa, em termos de estatuto intelectual, social e de aceitação, legitimando outras actividades como sejam a realização de colóquios, congressos ou manifestações científicas e culturais.

Durante muitos anos as IES contribuíram para as artes, sendo estas agora entendidas como uma indústria cultural e de entretenimento, passando a ser vistas como um factor crítico para o desenvolvimento bem sucedido das sociedades pós-industriais. Às IES cabe uma importante contribuição para os programas de âmbito cultural, no domínio literário e artístico, nomeadamente através da “criação” de um público local significativo para as artes regionais,

contribuindo para a vitalidade cultural, por via da existência de museus, teatros, galerias de arte, etc..

No entanto, não podemos apontar apenas as relações positivas entre as IES e as cidades que as acolhem. Vejamos alguns exemplos em sentido inverso. Por vezes, o relacionamento entre os estudantes e os restantes habitantes da cidade é difícil (Merlin, 1995). Os estudantes são acusados de serem barulhentos, de terem os seus próprios modos de vida, de fazerem aumentar as rendas no mercado de arrendamento de habitação ou ainda de deixarem deteriorar o parque imobiliário onde se instalam.

Quando as IES têm dimensões muito grandes são acusadas pelas restantes instituições de se constituírem como “um Estado dentro do Estado”. Se as IES necessitam de expandir as suas instalações, muitas vezes têm de negociar arduamente com os parceiros que são responsáveis pelo ordenamento do território nos diversos municípios. Por outro lado, em termos fiscais, nomeadamente nos E.U.A., as cidades sofrem um impacto negativo decorrente da presença das universidades devido ao facto de estas não pagarem impostos locais bem como por pagarem os serviços que os municípios lhes prestam a preços preferenciais. Mesmo as bibliotecas e os equipamentos desportivos das IES são, por vezes, apontados como pouco adequados para serem complementares às necessidades dos habitantes das cidades.

Na maior parte dos países que adoptaram o conceito da “universidade de massas”, esta opção foi acompanhada por uma deterioração das condições da vida universitária (Merlin, 1995):

- i) deterioração dos meios das universidades, restrições no que respeita a fazer crescer o número dos seus alunos mais rapidamente que o seu corpo docente e que os seus estabelecimentos;
- ii) deterioração da integração do estudante numa comunidade universitária que vive cada vez mais para reduzir a universidade a um local de transmissão do saber;

- iii) deterioração das relações da universidade com a sua envolvente, tanto no plano físico como no das relações com a comunidade.

Este autor não deixa de concluir que, contrariamente à ideia dos defensores da universidade de massas, estas evoluções apenas reforçam a existência de um sector elitista, sobretudo constituído pelos estabelecimentos mais antigos, com o seu prestígio solidamente adquirido, dispondo da maior parte dos recursos humanos e financeiros.

O ensino superior tem, pois, impactes significativos na educação, na actividade produtiva, no turismo, na qualidade do ambiente construído, na recuperação urbana e na retenção de negócios e população, ainda que não se possam descurar alguns efeitos nefastos ao nível da pressão imobiliária e da existência de hábitos sociais quotidianos diversos dos instalados entre as famílias, predominantemente idosas, que residem nos centros históricos das cidades.

3. A Universidade de Évora na Cidade: principais efeitos

A U.E. é uma das principais entidades empregadoras da cidade, dando trabalho a cerca de um milhar de funcionários e, provavelmente, aquela onde a qualificação do emprego é mais elevada. A estimação dos impactes económico-financeiros provocados por esta instituição é particularmente importante não apenas por via dos salários pagos aos funcionários residentes no concelho (cerca de 66% do total) bem como através das aquisições feitas a terceiros, dinamizando a actividade económica local aos mais variados níveis. Naturalmente que também as despesas de consumo dos funcionários, residentes ou não residentes habitualmente no concelho, realizadas em Évora, contribuem para ampliar o efeito multiplicador na estrutura económica local, decorrente da Universidade.

Mas, deste efeito é indissociável a componente que está associada aos gastos realizados pelos estudantes. Estima-se que entre os alunos que estudam na U.E., cerca de 80% não tenham residência habitual no concelho de Évora, ou seja, são vários milhares de jovens que, durante um ano lectivo – aproximadamente 40 semanas – efectuam uma grande parte das suas despesas fundamentais em Évora. Acresce-se ainda o “efeito de retenção” que não deveremos descurar, decorrente do facto da existência da Universidade permitir que os jovens filhos de agregados familiares residentes em Évora permaneçam no concelho enquanto fazem os seus estudos superiores.

QUADRO 2. Estrutura da despesa da U.E. realizada no concelho de Évora (2005)

Categoria de despesa	Total	
	Valores	%
1. Despesa com Pessoal	19.367.321,19	75,0
2. Despesa Corrente	3.957.929,58	15,3
3. Despesa de Capital	653.676,93	2,5
4. Bolsas	1.840.156,14	7,1
Total	25.819.083,84	

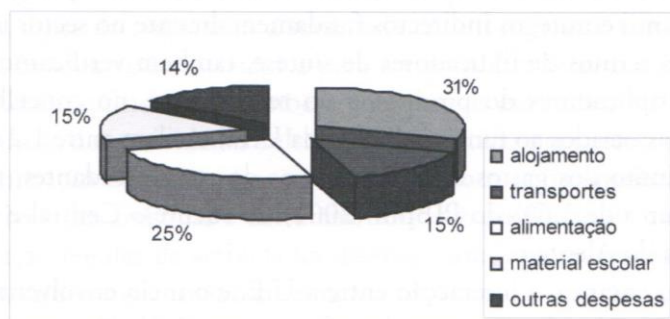
Fonte: Serviços Administrativos da Universidade de Évora e Serviço de Acção Social da Universidade de Évora; Unidade: euros.

A identificação das despesas realizadas no concelho de Évora permite-nos concluir pela existência de um efeito mediano, em termos financeiros, da instituição sobre o território. Mais de metade dos salários pagos pela Universidade de Évora destina-se a residentes no concelho (57%) sendo que, em termos globais, 51,8% das despesas globais se realizaram em Évora. Para a justificação destes valores concorre, particularmente, a proximidade da cidade à Área Metropolitana de Lisboa onde residem muitos funcionários docentes e onde têm as suas sedes uma boa parte das empresas com que a

Universidade mantém relações comerciais. Do conjunto de despesas realizadas em Évora, em conjunto pela U.E. e pelos Serviços de Acção Social da U.E. (quadro 2), mostram que cerca de $\frac{3}{4}$ estão associados com o pagamento de salários ou outras remunerações. No caso do Serviço de Acção Social, esta ligação com o concelho de Évora é significativamente mais intensa (83%) para o que muito contribui o facto da totalidade das bolsas pagas aos alunos estarem imputadas, na sua globalidade, ao concelho de Évora.

Contudo, os efeitos directos da U.E. só estão completos quando lhe acrescentarmos os gastos provenientes dos alunos de licenciatura que frequentam este estabelecimento de ensino. Para o cálculo do impacto da U.E., no concelho de Évora, foram considerados os gastos feitos pelos alunos não residentes e que aí permanecem durante o ano lectivo, bem como as despesas realizadas pelos alunos cujos agregados familiares residem no concelho, na medida em que, neste caso, estaremos em presença de algum “efeito de retenção” provocado pela presença da instituição. Estimativas realizadas (Rego, 2003) levam-nos a admitir que os estudantes de licenciatura efectuavam um conjunto de despesas mensais da ordem dos 457,2 euros. As componentes de alojamento e alimentação são referidas como as que concentram maior parcela dos gastos mensais (gráfico 1).

GRÁFICO 1: Estrutura da despesa média mensal dos estudantes de licenciatura da Universidade de Évora (2005)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos por questionário aplicado aos estudantes de licenciatura.

QUADRO 3: Gastos globais da Universidade de Évora efectuados na cidade (2004/05)

Despesa	Valor	%
Universidade de Évora	23.978.927,7	41,01
Estudantes de licenciatura	34.478.712,4	58,99
Total	58.457.640,1	100

Fonte: elaboração própria. Unidade: euros.

O valor global da despesa da U.E. no concelho ascende a mais de 58 milhões de euros, sendo que a maioria respeita aos gastos dos estudantes. Constatamos assim que, em termos financeiros, é mais significativo o conjunto de gastos dos estudantes, o que distancia, em termos de efeitos económico-financeiros, as instituições de ensino superior de todas as restantes organizações com números elevados de pessoal ao serviço e/ou salários elevados.

Estudos anteriores (Rego, 2003) permitiram estimar que a acti-

vidade económica e financeira da U.E. provoque, na economia do concelho, um efeito indirecto que se traduz na potenciação de cerca de dois mil empregos indirectos fundamentalmente no sector terciário. Em termos de indicadores de síntese, também verificamos que os multiplicadores do produto e do rendimento, no concelho de Évora, associados ao funcionamento da U.E., oscilam entre 1,2 e 1,3. O conjunto dos gastos da U.E. mais os dos seus estudantes, representa cerca de 3,6% do PIBpm (2001) do Alentejo Central e 1,2% no caso do Alentejo.

No entanto, a interacção entre a U.E. e o meio envolvente não se traduz apenas em termos dos efeitos na actividade económica e financeira da cidade, sendo bastante mais vasta. A principal forma de interacção entre esta instituição e o tecido sócio-económico regional decorre da inserção de diplomados em estágios ou nos quadros das instituições e empresas da cidade e da região, particularmente nas áreas do ensino e serviços da administração pública, com formações académicas nos domínios científicos das ciências económicas e sociais, ciências exactas e ciências agrárias, contribuindo assim para a melhoria da qualificação da população activa e do mercado de trabalho. Saliente-se que apenas cerca de 1/3 dos diplomados pela U.E. afirmam ter procurado emprego em Évora e outros tantos no Alentejo, o que decorre do facto de muitos dos estudantes de licenciatura desta Universidade desejarem regressar aos seus concelhos de origem depois de terminarem a formação. Naturalmente que, deste ponto de vista, também é relevante a proximidade com a Área Metropolitana de Lisboa onde o mercado de trabalho apresenta características de maior dinamismo do que no caso de Évora e do Alentejo.

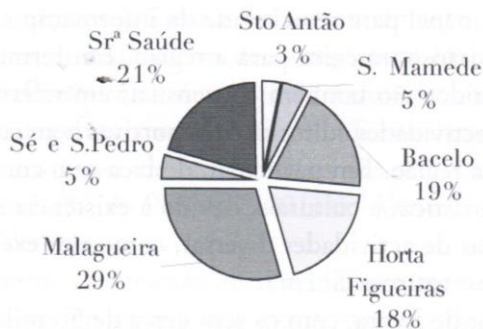
A comunidade envolvente à U.E. (considerando aqui os seus docentes, as empresas, as entidades empresariais e os ex-alunos da instituição) quando questionada (Rego, 2003) relativamente as áreas através das quais a U.E. mais contribui para o desenvolvimento sócio-económico de Évora e do Alentejo foi unânime em referir,

com mais intensidade, a contribuição para o mercado regional de emprego bem como para a melhoria da qualificação da população activa, a par do papel para a sociedade da informação e para a definição de uma visão estratégica para a região. Em termos sócio-culturais, os inquiridos são também consensuais em referir o papel da instituição nas actividades culturais e desportivas bem como ao nível da promoção da região. Em particular, destaca-se o contributo para as actividades artísticas e culturais, devido à existência de uma programação regular de actividades diversas, como por exemplo, exposições, concertos, teatro e cinema.

O concelho de Évora, com os seus cerca de 56 mil habitantes é um dos poucos concelhos do Alentejo onde se verificou um aumento da população residente (4,9% nos anos 90), ao contrário do que aconteceu em toda a região, tendo esta evolução sido mais intensa no concelho que o valor médio para o conjunto do país. Esta dinâmica demográfica naturalmente que está associada ao comportamento da actividade económica, à qual não é alheia a presença da U.E. no concelho.

O concelho de Évora tem 19 freguesias. A maioria da população (79,2%) reside nas sete freguesias urbanas. As freguesias exteriores ao núcleo central da cidade são as que registaram maior número de novos habitantes durante a última década e, simultaneamente aquelas onde os eborenses mais concentram a sua residência. As freguesias que integram o centro histórico da cidade são habitadas apenas por 10% da população do concelho. Por outro lado, é, fundamentalmente, nestas freguesias urbanas do centro histórico da cidade que os estudantes da U.E. mais procuram os seus locais de residência em tempo de aulas.

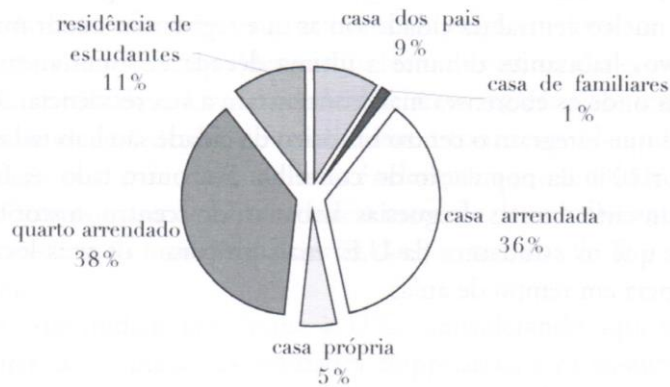
GRÁFICO 2: Distribuição da população residente pelas freguesias urbanas de Évora (2001)



Fonte: CENSOS 2001, Resultados Preliminares – Região do Alentejo, INE.

Tendo em conta os dados do questionário apresentado aos estudantes³, podemos concluir (gráfico 2) que a maioria dos que não têm residência no concelho de Évora, reside, em tempo de aulas, em casas (35,9%) ou em quartos (38%) arrendados.

GRÁFICO 3: Locais de residência dos alunos deslocados da U.E.



Fonte: Dados do questionário aplicado aos estudantes; Elaboração própria.

³ Questionário aplicado aos alunos da U.E. (Rego, 2003).

4. O caso particular dos efeitos no Centro Histórico da cidade de Évora

À semelhança de outros países (Goddard e Charles, 1994), também em Portugal algumas universidades têm contribuído para criar uma nova imagem de cidade, quer a nível do desenho urbano criado pelos seus “campus” (p.e. Aveiro) quer através da arquitectura dos próprios edifícios (como a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa).

No caso da Universidade de Évora, a sua necessária expansão fez-se sobretudo intramuros, no Centro Histórico (CH) e não num “Campus”, tendo sido construídos novos edifícios e adquiridos ou recuperados outros que, potencialmente, se teriam degradado (p.e. a Casa Cordovil ou o colégio Luís António Verney). Esta estratégia de implantação no sentido de recuperar património existente contribuiu fortemente para a revitalização deste Centro Histórico classificado mas é, contudo, bastante exigente em termos financeiros, não só pela necessidade de adequar os antigos edifícios às novas funções, preservando as suas características, como pelos custos de manutenção inerentes (refira-se, a título de exemplo, o edifício do Colégio do Espírito Santo que requer uma constante manutenção, cujos custos dificilmente podem ser comportados pelos orçamentos existentes).

O conceito de Cidade Universitária que se procurou instalar em Évora é mais vasto que a dispersão das actividades da U.E. por vários edifícios no interior do Centro Histórico da cidade.

O alojamento de estudantes, maioritariamente no centro histórico, permite que este espaço mantenha algum dinamismo ao nível da sua função residencial, evitando a progressiva “desertificação” humana, acompanhada pelo aumento da ocupação do espaço pelas actividades terciárias de forma a dar resposta às necessidades desta faixa populacional. Assim, potencia-se a existência de um CH mais vivido, diminuindo os riscos associados a um CH vazio, nomeadamente no que se refere às questões de segurança. Não é novo que a

diversidade de actividades e funções e ocupação dos diferentes espaços urbanos em horas diferenciadas, enriquece esses espaços e diminui os riscos associados a crimes, roubos e outros actos de vandalismo que criam uma sensação de desconfiança e insegurança (Jacobs, 1961). Em simultâneo, verifica-se uma maior necessidade de vigilância formal, na medida em que as actividades desenvolvidas por esta população potencialmente entram em conflito com os hábitos de vida dos restantes residentes, regra geral mais idosos.

FIGURA 1: Localização dos diferentes edifícios pertencentes à Universidade de Évora. (Sem escala.)



Fonte: Universidade de Évora, 2002: Guia do Estudante da Universidade de Évora 2002-2003.

Para além da dinamização do CH em termos vivenciais, refira-se que o alojamento de estudantes, em quartos ou casas arrendadas, faz-se preferencialmente nas áreas limítrofes das instalações universitárias, de forma a minimizar os tempos de percurso. Tal como

acontece um pouco por toda a parte, a população residente no centro histórico é idosa e com baixo poder de compra, pelo que o arrendamento de casas ou partes de casa a estudantes funciona como um importante “suplemento” financeiro, para os rendimentos deste estrato populacional, constituídos, basicamente, por pensões e reformas. Por outro lado, esta actividade é também importante para a preservação do património edificado, na medida em que diminui significativamente o estímulo para o abandono dos edifícios antigos, melhorando as condições de habitabilidade e o ambiente urbano.

5. O futuro: o conceito de UniverCidade

A dinâmica instalada em Évora através do já referido conceito de Cidade Universitária, evoluirá agora para o novo conceito de **UniverCidade**,⁴ o que requer um reequacionar da implantação física da Universidade na Cidade histórica mas também na sua envolvente extra-muros. Às novas perspectivas de desenvolvimento em termos de ensino, que passam pela consolidação da já vasta oferta formativa e educativa, de extensão e de investigação científica, acresce o desafio colocado com a desejada criação de uma Rede Regional de Ciência e Tecnologia, em articulação com outras instituições de ensino (alguns Institutos Politécnicos) e entidades empresariais, culturais e autarquias, entre outras.

Perspectiva-se, assim, a construção de novas residências, um Complexo de Auditórios, uma Biblioteca Central para a U.E., novas instalações para alguns departamentos das áreas das Ciências Humanas e Ciências Cénicas, novas instalações desportivas e a criação do Centro de Ciência Viva, a par de outras reestruturações necessárias

⁴ As referências ao conceito de UniverCidade, aqui explanadas, decorrem da mensagem do Magnífico Reitor da Universidade de Évora à Academia à Academia, aquando das comemorações do dia da Universidade no passado dia 1 de Novembro de 2007.

à (re)afirmação da Universidade de Évora como instituição de ensino de excelência.

Para além da construção de novos edifícios, a Universidade de Évora continuará a adquirir e recuperar antigos edifícios, de que são exemplo a futura aquisição do antigo Paço dos Morgados da Bandeira (edifício anteriormente ocupado pela Academia de Música de Évora), no Centro Histórico, ou a recuperação da antiga Fábrica dos Leões, extra-muros. A Universidade, orientando a sua actuação no interesse e defesa dos interesses públicos (o que é intrinsecamente concretizado através dos seus ensinamentos), colocará o seu “know-how” na recuperação deste último edifício que, para além de constituir uma interessante recuperação em termos arquitectónicos, é ainda inovador em termos das soluções energéticas, nomeadamente a utilização de energias alternativas.

A concretização desta UniverCidade requer, naturalmente, um acordo global e estrita articulação com a Câmara Municipal de Évora, e implica uma estratégia de implantação intra e extra-muros que tenha em particular atenção aspectos que poderão ser problemáticos neste tipo de intervenção:

- Equilíbrio ao nível do desenho urbano, nomeadamente a integração harmoniosa entre antigos e novos edifícios;
- Acessibilidades e transportes (incluindo aqui precauções relacionadas com uma rede de transportes públicos adequada à deslocação entre os diferentes edifícios e um correcto dimensionamento de parques de estacionamento);
- Aumento do ruído provocado pelo aumento de tráfego e de circulação de pessoas;
- Aumento da produção e recolha de resíduos sólidos urbanos, sobretudo no Centro Histórico, entre outros.

6. Considerações finais

A U.E. é uma das principais entidades cuja actividade condiciona a cidade de Évora. Desde logo pelo seu papel de empregador directo, na medida em que é uma das entidades com maior número de postos de trabalho e onde o nível de qualificação dos mesmos é mais elevado. Esta afirmação pode ser corroborada através dos quase mil funcionários, docentes e não docentes, que a instituição emprega bem como por via dos mais de dois mil empregos indirectos que a sua actividade potencia, fundamentalmente no sector terciário, o mais importante na economia do concelho de Évora e do Alentejo. Constatamos também que é uma das instituições que mais massa salarial paga e das que apresenta salários médios mais elevados. Naturalmente que estes são fortemente influenciados pelas remunerações dos docentes, profissionais altamente qualificados, que auferem cerca de 80% dos rendimentos de trabalho pagos pela instituição.

Entre os principais efeitos económico-financeiros decorrentes da existência e actividade da U.E. na cidade contam-se os que se fazem sentir sobre o mercado habitacional. Os cerca de oito mil estudantes que frequentam a instituição têm um peso significativo no conjunto da população residente de Évora, moldando o seu quotidiano durante quase todo o ano. A cidade de Évora apresenta, na última década do século XX, em termos de população residente, famílias e alojamentos, um comportamento claramente positivo e profundamente distinto da realidade da região onde se insere. A esta dinâmica não pode ser alheia a actividade sócio-económica potenciada pela presença da U.E.. Particularmente significativa, mas de difícil quantificação objectiva, é a parcela dispendida em Rendas de casa. De facto, estes gastos contribuem, em inúmeros casos, para o aumento do rendimento disponível das famílias mais idosas, com menores recursos e por vezes vivendo relativamente isoladas, que habitam o centro histórico da cidade, local privilegiado para residência pelos estudantes.

Os dados e considerações expostos permitem afirmar que as universidades têm (ou podem ter) um significativo efeito catalisador em termos económicos, sociais, culturais e ambientais das cidades onde se inserem, nomeadamente no que se refere à revitalização dos seus Centros Históricos. Especialmente em casos como o de Évora, cidade Património Mundial, o diálogo e concertação entre as universidades e as entidades públicas, locais ou nacionais, nem sempre é isento de conflitos. Se por um lado estas entidades reclamam o estabelecimento de políticas de ocupação e edificação restritivas, particularmente no Centro Histórico, através dos seus diferentes planos de ordenamento (nomeadamente os de Urbanização e de Pormenor), as Instituições de Ensino Superior reclamam respostas às necessidades que se colocam ao exercício das suas actividades, sem o que deixarão de contribuir vivamente para a revitalização das cidades onde se instalam. É assim, inevitável, que se encontrem soluções de consenso e de compromisso entre as diferentes partes envolvidas que, não violando as regras estabelecidas, permitam alguma flexibilidade que viabilize a concretização das premissas inerentes àquelas Instituições. Mais atenção deve ser dada à articulação entre as universidades e as restantes entidades públicas (e também privadas), no sentido de potenciar o que, afinal, é desejado por todos: uma melhoria global nas condições de vida das populações, particularmente no que se refere à reanimação e fruição dos Centros Históricos, que se pretendem vivos, dinâmicos e seguros.

7. Referências bibliográficas

- FELSENSTEIN, D. (1996), "The university in the metropolitan arena: impacts and public policy implications" in *Urban Studies*, 33(9), 1, 565-80.
- GODDARD, J. (1998), "Contribution au développement national et regional", UNESCO, Conférence mondiale sur l'enseignement supérieur, Paris.

- DE GAUDEMAR, J. P. (1996), "The higher education institutions as a regional actor: some introductory thoughts", artigo apresentado ao Centre for Educational Research and Innovation – Thirteenth General Conference IMHE Member Institutions, September (OECD).
- GODDARD, J., CHARLES, D. (1994), **Universities and Communities**, University of Newcastle/Centre for Urban and Regional Development Studies, UK.
- JACOBS, JANE (1961), *The Death and Life of Great American Cities*, A Vintage Book, USA.
- MERLIN, P. (1995), "L'université de masse et la ville" – Villes et Universités – in *Espaces et Sociétés*, n.º 80/81, pp. 45-71.
- REGO, M. C. (2003), Impactes da Universidade de Évora – Estudo de alguns efeitos no território envolvente, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora (documento não publicado).